

---

## **Eliane Brum e as metáforas vivas<sup>1</sup>**

**Mei Hua Soares<sup>2</sup>**

**Faculdade Cásper Líbero**

### **Resumo**

Tomando por base o conceito de *metáforas vivas*, de Paul Ricoeur, de *mímesis* e tropos, de Aristóteles, de tessitura do presente e de elo, de Cremilda Medina, e de memória, de Ecléa Bosi e Jeanne Marie Gagnebin, o presente artigo aborda analiticamente uma reportagem da jornalista, escritora e repórter Eliane Brum, “A floresta das parteiras”, publicada no livro *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008). A hipótese de pesquisa parte do pressuposto de que palavra, discurso e cultura são indissociáveis e pretende estudar a trama textual que se estabelece na reportagem mencionada se atendo às possibilidades que o gênero reportagem literária possibilita. A partir das escolhas lexicais, sintáticas e semânticas, busca-se ainda refletir sobre como esse tratamento linguístico pode reverberar representações da alteridade em textos jornalísticos escritos.

### **Palavras-chave**

Eliane Brum; reportagem literária; metáforas; alteridade; memória

A riqueza da linguagem das parteiras e a forma como cada uma se expressa é o coração dessa reportagem. As palavras também nasciam dessas mulheres extraordinárias de parto natural. E emergiam de suas vaginas como literatura da vida real. Elas falavam com tanta lindeza, com uma variedade e uma fundura tão impressionantes, que meu trabalho era mínimo.

**Eliane Brum**

A metáfora porta uma informação na medida em que ‘re-descreve’ a realidade.

**Paul Ricoeur**

Cremilda Medina, em seu livro *Ciência e Jornalismo – da herança positivista ao diálogo dos afetos*, apresenta considerações sobre como a racionalidade iluminista e a objetividade científica atravessam os discursos na área da comunicação impondo um caráter dogmático e inquestionável. A autora coloca em xeque paradigmas relacionados à visão restrita imposta pela herança iluminista e positivista ocidental e aventa a possibilidade de ampliar ou equilibrar a relação comunicacional humana, cujo cerne,

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao GP Gêneros Jornalísticos, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Educação e Linguagem pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Bacharel e licenciada em Letras pela FFLCH-USP. Docente do curso de Jornalismo (graduação em Comunicação Social) da Faculdade Cásper Líbero.

---

segundo ela, são os *elos*. Saliendo ainda aspectos como a intuição, o erro, a necessidade de se “cheirar o real” e por ele “se deixar afetar”, a autora aponta para outros campos de conhecimento – como a psicanálise, a literatura, as artes – ainda pouco reconhecidos e legitimados no meio jornalístico. Como contraponto ao pragmatismo simplificador, a autora menciona a necessidade das sutilezas, da “desmistificação e da articulação de sentidos” na abordagem jornalística que se propõe à “arte de tecer o presente” (MEDINA, 2008, pp.30-31).

Mas, pensando na materialização verbal, quais seriam as formas e recursos de linguagem que permitiriam potência e desenvoltura nas tessituras do presente? Quais estratégias discursivas e linguísticas traduziriam o “presente” e o “real” adequados em reportagens escritas? Ainda mais: como representar de modo satisfatório e fidedigno as pluralidades de cada realidade e as diversas pessoas reportadas? Alguns sujeitos, mundos e contextos, ainda que visando ao campo jornalístico, abririam margem para abordagens linguísticas e discursivas mais poéticas?

Partindo de estudos, impressões e proposições advindas de trabalhos envolvendo a leitura analítica dos livros *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008) e *A vida que ninguém vê* (2006), junto a turmas de primeiro ano de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), uma pesquisa acadêmica subsidiada pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisas (CIP) da Faculdade Cásper Líbero foi desenvolvida, em 2018, com o intuito de perscrutar reportagens, colunas e perfis da jornalista e autora Eliane Brum. A escolha se deu na medida em que se verificava uma qualidade literária relevante em seus textos, de modo a trazer reflexões a respeito da forma-conteúdo erigida em suas produções escritas. Posteriormente, em 2021, Eliane Brum foi considerada a jornalista brasileira mais premiada do país, o que corroborou nossa hipótese, a de que o tratamento literário – aliado, no caso de Brum, a outros fatores como a escuta atenta, a lúcida percepção, a conduta ética diante de entrevistados e temas, o empenho no desenvolvimento da pesquisa para elaboração de textos adensados e condizentes com a realidade retratada – pode impulsionar o teor discursivo e dar maior precisão à escrita jornalística.

A pesquisa, de cunho analítico-documental, considerou a leitura e análise da produção publicada em livros da autora-jornalista e se fundamentou em literatura sobre gênero reportagem, recursos de estilo/linguagem, literariedade no texto jornalístico,

estruturação discursiva e ideológica. A análise dialógica do discurso – cujo expoente é Mikhail Bakhtin – das reportagens selecionadas se apoiou nos enunciados discursivos presentes no contexto de interação/interlocução e na teoria dos gêneros discursivos. Os conceitos de infra e superestrutura do autor ampliaram a reflexão sobre a relação indissociável da estruturação discursiva e de suas respectivas ideologias. Tomando como pressuposto que nenhum discurso é neutro ou isento, uma vez que fruto de escolhas, seleções, recortes, contextos, edições, verifica-se a ênfase em salientar pontos de vista e ângulos geralmente não cobertos pela grande mídia na maior parte das reportagens de Eliane Brum. A construção discursiva se ampara em escolhas lexicais, em construções sintáticas e nas malhas semânticas e semióticas para se constituir, e assim “acionar”, campos ideológicos. Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, assevera a impossibilidade de se adentrar a ordem discursiva sem ser por ela enredado ou afetado, discorrendo sobre como os discursos são controlados, legitimados, autorizados ou não. A interdição, por exemplo, é objeto de estudo de teorias discursivas e analíticas. José Luiz Fiorin também fornece subsídios para se pensar de que maneira as esferas linguística, estilística e estética do texto têm implicações e desdobramentos nos discursos e ideologias mobilizados durante a escrita. A pesquisa também partiu de conceituações de Aristóteles sobre as figuras de linguagem e elementos próprios da construção narrativa ou dramática como o encadeamento causal e a verossimilhança.

No entanto, o recorte que traremos ao presente artigo refere-se às *metáforas vivas* presentes nas reportagens literárias de Eliane Brum. O conceito de Paul Ricoeur, filósofo francês, retoma as explanações aristotélicas sobre tropos, metáfora poética e metáfora retórica para esmiuçar questões relacionadas aos diferentes tipos de metáfora e suas respectivas implicações no plano das palavras e dos discursos. Para exemplificar e pensar como as metáforas e demais recursos de estilo contribuem na arquitetura da linguagem da reportagem, escolhemos uma delas, presente no livro *O olho da rua*, intitulada “A floresta das parteiras”, publicada originalmente em 27 de março de 2000, sua primeira reportagem para a Revista Época, após 11 anos trabalhando no jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS). Segundo ela, em comentário posterior, foram quatro dias junto às parteiras da Amazônia e o sentimento de que deveria permanecer ainda mais.

**Eliane Brum: uma escrita que afeta por se deixar afetar**

---

Eliane Brum trabalhou como repórter do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, da Revista Época, em São Paulo, e manteve por anos uma coluna no El País. Autora de muitos livros (*Uma Duas; Meus desacontecimentos: história de minha vida com as palavras; A menina quebrada; Coluna Prestes – O Avesso da Lenda; A vida que ninguém vê; O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real; Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*), sua última obra publicada – *Banzeiro Ókotò: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* (Companhia das Letras, 2021) – traz textos sobre o acirramento dos conflitos na região amazônica, abordando fatos que ela passou a acompanhar de perto após se mudar para Altamira (PA). Capaz de transitar por diferentes gêneros textuais e de versar a respeito de diferentes temas e assuntos com fundamentação e propriedade, a jornalista obteve reconhecimento também por primar por um jornalismo que ainda “suja os sapatos”.

Em posfácio de um de seus livros (*A vida que ninguém vê*), menciona a importância de se enxergar as odisséias de gente comum, de se estar atento àquilo que pode se transformar em material jornalístico, em como pode ser bem-vindo um olhar estranhado frente ao óbvio e ao corriqueiro (como propunha Bertolt Brecht). Svetlana Aleksievitch, nobel de literatura de não ficção, em 2015, jornalista e escritora ucraniana, em seu livro *O fim do homem soviético* (2016), reúne vasto material – coletado entre os períodos de 1991 e 2001, logo após a queda da União Soviética, e entre 2002-2012, quando a abertura econômica já se consolidava – para esboçar um panorama do complexo contexto político, social e econômico da Rússia. O “método” por ela utilizado é mencionado como “*conversas de cozinha*” pela maneira informal com que obtinha os relatos a ela conferidos, pelos detalhamentos que se revelavam em virtude da interlocução intimista, em ambientes quase sempre domésticos e familiares, fatores que, pela técnica narrativa ficcional (ajustada ao campo da não ficção), são tratados – jornalística e literariamente – de modo a fazer surgir uma tessitura textual polifônica que acaba por exprimir dialeticamente uma singularidade de vozes que, por sua vez, dá vazão a uma configuração coletiva.

O trabalho com as palavras, matéria-prima de escritores, jornalistas, poetas, é notável na produção de Brum, seja qual for o gênero textual por ela explorado. O apreço pela escolha precisa, a notável busca pela expressão que melhor apresente a realidade vista, ouvida, digerida, é recorrente na escrita da autora-repórter. Nos textos analisados,

seu olhar (e escuta) se volta ao pequeno, ao corriqueiro (próprio dos cronistas), às pessoas comuns, mas visando a uma escrita grande e bem realizada em diferentes aspectos (lexical, sintático, semântico, semiótico, discursivo,). Seja discorrendo sobre velhos que se veem confinados num asilo e tem “a vida inteira espremida na mala de mão”, seja acompanhando os últimos dias de vida de uma paciente com câncer terminal ou junto aos moradores da Vila Brasilândia, na periferia da zona norte paulistana, o esmero com a linguagem permanece o mesmo. É perceptível a busca pelo que melhor poderia traduzir as realidades distintas com as quais travou contato e a responsabilidade de trazê-las à tona a contento para o público leitor.

E ela mesma, Eliane Brum, ao longo de vários de seus textos, vai deixando nítida a importância por ela conferida à matéria palavra e descortinando como elas afetam aos outros e a nós mesmos. Em “Palavras em busca de adoção”, texto presente no livro *A menina quebrada*, em que explana sobre termos que vão caindo em desuso e sobre como junto com eles também se vai uma concepção de mundo, ela salienta: “*Habitamos as palavras. Somos palavras. Quando estamos e somos nas mesmas poucas palavras, somos e estamos menos. É como ter a chance de viajar pelas galáxias e preferir ficar numa quitinete*” (BRUM, 2013, p.124). Nesse trecho ressalta-se a riqueza existente na diversidade linguística, fator determinante para a estruturação da reportagem analisada aqui, como observaremos adiante.

### **O campo metafórico segundo Paul Ricoeur**

Durante a leitura analítica da reportagem “A floresta das parteiras”, a estratégia discursiva mais presente em termos de recursos de linguagem – além da diversidade linguística – foi a metáfora, suas ramificações e gradações. Por esse motivo, a abordagem requereu um outro referencial teórico distinto do previamente estipulado. Buscando refletir a respeito do impacto discursivo alcançado mediante a mobilização do campo metafórico, e por vezes poético, nos amparamos nos conceitos sobre metáfora (de Aristóteles e de outros autores como Husserl, Gennette, McCall, Gadamer, Brunschwig, Cope, Hardy, Hardison ente outros) reunidos e pensados criticamente por Paul Ricoeur. Uma definição possível, segundo ele, seria:

- 1) a metáfora é um empréstimo; 2) que o sentido emprestado opõe-se ao sentido próprio, isto é, pertencente originariamente a certas palavras; 3) que se recorre a metáforas para preencher um vazio semântico; 4) que a palavra emprestada toma o lugar da palavra ausente se esta existe (RICOEUR, 2000, p.31).

---

A metáfora, de acordo com diferentes autores, estaria relacionada a deslocamento, a desvios de uma determinada norma, de um padrão. Desse modo, ela se afastaria da banalidade ao tomar de empréstimo outro termo e, conseqüentemente, ao acionar outros campos semióticos e semânticos por substituição, semelhança ou contigüidade (geralmente associada a relações metonímicas).

A subversão, portanto, parece ser um traço característico do campo metafórico, uma vez que a ruptura com uma determinada lógica ou concepção está prevista. Mesmo quando inexistente uma palavra que se refira ao que se expressa e se toma de empréstimo outra (item 4, catacrese, por exemplo), ainda assim há a aproximação de campos semânticos distintos, o que posteriormente pode ou não ser naturalizado em função do uso contínuo e adequação do termo ou expressão a uma “norma”. Aristóteles ressalta essa “violação da norma” quando a metáfora aparece:

Dois fatos devem ser notados: o primeiro é que os polos entre os quais a transposição opera são polos lógicos. A metáfora surge em uma ordem já constituída por gêneros e por espécies, e por um jogo já regrado de relações: subordinação, coordenação, proporcionalidade ou igualdade de relações. O segundo fato é que a metáfora consiste em uma violação dessa ordem e desse jogo: dar ao gênero o nome da espécie, ao quarto termo da relação proporcional o nome do segundo, e reciprocamente, é simultaneamente reconhecer e transgredir a estrutura lógica da linguagem (ARISTÓTELES *apud* RICOEUR, 2000, p.38).

O paradoxo, por exemplo, é uma figura de linguagem que ilustra pela sua própria etimologia o desvio desencadeado que afeta os enunciados construídos a partir de tropos: em grego denomina-se *para-dóxa* o desvio em relação a uma *dóxa* anterior. Mais adiante, Ricoeur, em diferentes ensaios sobre o tema metáfora, irá tratar de aspecto importante para se pensar, por exemplo, se o manejo adequado das técnicas da escrita seria suficiente para um texto ser bom, debate que se assemelha ao de Sócrates e Górgias a respeito do uso de elementos da retórica dissociado de uma ética. No entanto, Ricoeur chamará a atenção para o risco em se transformar os recursos de linguagem em mera categorização (taxionomia) estéril e de se produzir discursos tecnicizados:

(...) uma *tékhne* é alguma coisa mais elevada que uma rotina ou uma prática empírica, e a despeito do fato de que ela é concernente a uma produção, contém um elemento especulativo, a saber, uma investigação teórica sobre os meios aplicados à produção: é um método, e este traço a aproxima da ciência mais que da rotina. A ideia de que há uma técnica de produção de discursos pode conduzir a um projeto taxionômico tal qual o analisaremos em um estudo posterior; tal projeto não será o último estágio da tecnicização do discurso? Isso é indubitável, mas, em Aristóteles, a autonomia da *tékhne* importa menos que seu atrelamento a

---

outras disciplinas do discurso, antes de tudo a da prova” (RICOEUR, 2000, pp. 50-51).

Ao retomar Aristóteles, Ricoeur destaca a importância do “atrelamento” da técnica à “prova” e a “outras disciplinas”. Em *Retórica*, o autor grego considera a retórica, o conjunto da *tékhnē*, uma arte, e não uma ciência. Portanto, ela deveria estar relacionada a algum campo de saber e de conhecimento. No campo jornalístico, as técnicas retóricas seriam utilizadas de modo “atrelado” a provas, conhecimentos, fatos e a uma ética? Ou, em muitos momentos, serviriam a persuasão e convencimento sem relação estrita com uma suposta “verdade”?

Há um longo debate a respeito da neutralidade da notícia e dos demais textos jornalísticos que se querem “isentos”. No entanto, ao lidarmos com a Linguística, com a análise discursiva e com as diferentes correntes teóricas que se debruçam sobre a linguagem, isso não seria possível. As escolhas lexicais, as inversões sintáticas, a escolha por uma estrutura linguística em detrimento de outra, já caracterizariam uma não isenção. Ricoeur aproveita para apontar como o conhecimento popular pode aparecer e enriquecer os discursos por intermédio de formas linguísticas e gêneros populares (ditos, chistes, termos) dependendo de como é retomado ou trabalhado: “*A retórica não se produz em um vazio de saber, mas em uma plenitude de opinião. É, portanto, também do tesouro da sabedoria popular que se extraem metáforas e provérbios – ao menos aqueles que são metáforas e provérbios ‘recebidos’*” (RICOEUR, 2000, p.54).

Nesse sentido, destacamos alguns trechos da reportagem analisada para exemplificar como expressões populares foram utilizadas para impulsionar a escrita sobre o ofício das mulheres amazonenses que realizam partos no “coração da floresta”:

Elas nasceram do *ventre úmido da Amazônia* (...). (BRUM, 2008, p. 19) [personificação, metáfora];

O país não as escuta porque *perdeu o ouvido* para os sons do conhecimento antigo (...). (BRUM, 2008, p.19) [personificação, metáfora];

Muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas *leem a mata, a água e o céu*. (p.19) [metáfora].

No primeiro excerto, há uma personificação; portadora de um *ventre*, um ventre úmido (metáfora) a Amazônia surge no enunciado como uma figura feminina, confundindo-se com as mulheres que serão apresentadas na reportagem. Essa mescla entre lugar-floresta-parteias fundamenta o texto todo. No segundo trecho, para destacar o quanto estão apartadas do resto do país e de como muitas vezes são incompreendidas por seguirem realizando partos sem auxílio médico ou intervenções cirúrgicas, há a inserção de uma expressão bastante popular (“perdeu o ouvido”) que traz regionalidade à

informação e reforça o fato de que elas não são ouvidas. Finalizando esse pequeno bloco, para informar que não são letradas ou alfabetizadas, a autora lança mão de uma adversativa que salienta não o suposto desconhecimento de quem não sabe ler ou escrever, mas sim a beleza de quem lê “a mata, água e o céu”. Para além da construção poética erigida, o léxico e o campo semântico acionados exaltam outras capacidades e habilidades das parteiras. O que poderia ser visto como depreciativo (o analfabetismo), é apresentado por um outro ângulo, e deslinda a possibilidade de se questionar quais conhecimentos estão imbricados em quem desconhece o mundo das letras, mas conhece profundamente o mundo da floresta.

Desse modo, os *enunciados metafóricos*<sup>3</sup> passam a configurar outras perspectivas. As palavras ou expressões metafóricas, inseridas em discursos, passam a engendrar sentidos outros, conforme Ricoeur destaca:

Como Aristóteles vincula esse poder de ‘pôr sob os olhos’ à palavra? Por intermédio da característica de toda metáfora, que é mostrar, ‘fazer ver’. Ora, esse traço nos lança no coração do problema da *léxis*, cuja função, já dissemos, era a de ‘fazer aparecer’ o discurso. ‘Pôr sob os olhos’ não é, nesse caso, uma função acessória da metáfora, mas antes próprio da figura (RICOEUR, 2000, p.60).

As figuras femininas aparecem como paradigma que sustentará a rede semântica da reportagem inteira, como pode ser observado em outras passagens:

*Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil.* (BRUM, 2008, p.19) [personificação, metáfora];

*Emergiram dos confins de outras mulheres com o dom de pegar menino.* (BRUM, 2008, p.20) [metáforas].

Para se referir ao impacto que o ofício lhes causa em suas vidas, Eliane Brum personifica o sangue das mulheres e a água das crianças para reforçar a passividade e a submissão das parteiras que são por eles “esculpidas”, o que aparece também de modo metonímico, metafórico e, ao mesmo tempo, hiperbólico no enunciado (“suas mãos aparam um pedaço do Brasil). Em outros momentos, na reportagem se apresentam estratégias de metalinguagem, como por exemplo:

São mulheres que *conjugam os verbos no plural, abusam dos pronomes coletivos.* (p.19) [metalinguagem];

---

<sup>3</sup> Paul Ricoeur, em seus ensaios sobre a metáfora, reafirma a importância de se considerar não apenas a palavra metafórica, mas como ela se organiza no enunciado, evoluindo do campo léxico/semântico para o discursivo.



---

São *guias de uma viagem* por mistérios transportados de geração para geração *em palavras que se inscrevem no mundo sem se escrever*. (p.20) [metáfora; metalinguagem].

Assim como no trecho “leem a mata, a água e o céu” – que, em alguma medida, faz com que o leitor compare a sua atividade de leitura (perante uma reportagem escrita) com a leitura realizada pelas mulheres parteiras –, quando é apontado no texto que elas “são guias de uma viagem”, portadoras de algo que lhes é passado de geração em geração, de um conhecimento que pode ser traduzido como “palavras que se inscrevem no mundo sem se escrever”, percebemos a relação que se instaura entre o ato de fazer o parto da parteira e o ato de escrever da autora. Essa aproximação é sutil, indireta, mas existe e potencializa a empatia, a representação da alteridade na reportagem. Consiste talvez no *elo* mencionado por Cremilda Medina que deveria, segundo ela, nortear os processos comunicacionais.

No processo de escrita ficcional também está envolvida a *mimesis*, a imitação por comparação, por semelhança. De acordo com Ricoeur, a representação humana (realizada por intermédio da mitologização, por exemplo) envolve a dimensão mimética que, por sua vez, está imbricada na metáfora na medida em que consiste em deslocamento:

A subordinação da *léxis* ao *mythos* já põe a metáfora a serviço do ‘dizer’, do ‘poematizar’, que se exerce não mais no nível da palavra, mas no de todo o poema; por sua vez, a subordinação do *mythos* à *mimesis* confere ao procedimento de estilo um alcance global, comparável ao da persuasão na retórica. Considerada formalmente, enquanto desvio, a metáfora não é senão uma diferença no sentido; referida à imitação das melhores ações, ela participa da dupla tensão que a caracteriza: submissão à realidade e invenção de enredo, restituição e sobrelevação. Considerada abstratamente – isto é, fora dessa função de referência –, a metáfora esgota-se em sua capacidade de substituição e dissipa-se no ornamento; deixada à errância, perde-se nos jogos de linguagem (RICOEUR, 2000, p.70).

Desvinculada da realidade, de uma motivação maior ou de um posicionamento ético e político, visando à técnica pela técnica, a metáfora se restringirá ao simulacro, à forma esvaziada e empobrecida porque subjugada ao estilo, à mera produção de efeitos. Aristóteles contrapõe à metáfora estritamente retórica ou técnica uma metáfora proveniente da poética, porque entrelaçada à *mimesis*, à “verdade do imaginário” e ao comprometimento com uma suposta “revelação do Real”, o que é retomado por Ricoeur:

A verdade do imaginário, a potência da revelação ontológica da poesia, eis o que de minha parte vejo na *mimesis* de Aristóteles. É por ela que a *léxis* é enraizada e que os próprios desvios da metáfora pertencem à

grande tarefa de dizer o que é. Mas a *mimesis* não significa apenas que o discurso está no mundo. Ela não preserva somente a função referencial do discurso poético. Enquanto *mimesis physeos*, ela liga essa função referencial à revelação do Real como ato. É função do conceito de *physis*<sup>4</sup>, na expressão *mimesis physeos*, servir como índice para esta dimensão da realidade que não se manifesta na simples descrição do que nela é dado. Apresentar os homens ‘agindo’ e todas as coisas ‘como em ato’, tal bem poderia ser a função ontológica do discurso metafórico. Nele, toda potencialidade adormecida de existência parece *como* eclodindo, toda capacidade latente de ação, *como* efetiva. A expressão *viva* é o que diz a existência *viva*” (RICOEUR, 2000, pp. 74-75).

A capacidade de exprimir, metafórica ou adequadamente, aquilo que se viu, se ouviu e se acompanhou ganha contornos mais potentes quando o vínculo com o real é nítido e quando existe efetivamente preocupação com a representação do outro, com a apresentação de diferentes ângulos de uma realidade ou fato dado e com a tentativa de “expressar vivamente” a “existência viva”. A seguir, serão apresentados outros exemplos de metáforas, comparações, hipérboles e outros tropos e recursos que consideramos frutos de um interessante manejo de palavras (e contextos, singularidades, vivências) na tentativa de se aproximar, ao longo do texto-reportagem, dessas *expressões vivas* que melhor traduziriam o real reportado.

**Quadro 1** – Tropos metafóricos e outros recursos de linguagem presentes na reportagem “ A floresta das parteiras”

<i>Como um espectro feminino, ela navega pelos rios do Oiapoque alumiada apenas por uma lamparina (BRUM, 2008, p.20).</i>	<b>Comparação</b>
<i>Deus é ainda mais sossegado que o ministro da Previdência. Até agora não deu resposta ao pedido. (BRUM, 2008, p.20)</i>	<b>Comparação/ Personificação</b>
<i>Das entranhas do corpo feminino Dorica nada arranca, apenas espera (BRUM, 2008, p.21).</i>	<b>Inversão, disfemismo</b>
<i>É missão da parteira lavar, cozinhar, puxar útero toda manhã e toda tarde para que a mulher fique sã. É obrigação pentear o seio com pente fino, e água de cuia branca para que o leite jorre entre os lábios do menino. É sabedoria aspirar o nariz do bebê até ouvir o choro. (BRUM, 2008, p.21).</i>	<b>Descrição por intermédio de enumeração e paralelismo</b>
<i>Dorica pousa a mão no velho coração e, pronunciando palavras silenciosas, arranca de lá a benção aos que partem (BRUM, 2008, pp. 21-24).</i>	<b>Metáfora, paradoxo</b>
<i>Depois dá as costas e vai pitar tabaco enquanto espera a hora em que o quinto filho da última barriguda da aldeia, a índia Ivaneide Paraná, 33 anos, vai esmurrar a porteira do mundo pedindo passagem (BRUM, 2008, p.24).</i>	<b>Metáfora, antonomásia, disfemismo</b>

<sup>4</sup> Segundo Ricoeur, a *physis* consiste na “última referência da *mimesis*” ou o equivalente à natureza.

Nessa espiritualidade sem nome, contam que a grande deidade é feminina, mulher. Aquela, dizem, que governa o <i>começo-meio-fim</i> , o <i>nascimento-vida-morte</i> , o <i>presente-passado-futuro</i> (BRUM, 2008, p.24).	<b>Criação de palavras compostas</b>
Quando remam quilômetros por rios ou <i>vão de pés</i> para auxiliar uma igual a <i>consumar o milagre, o parto é resistência e subversão</i> , é a prova de que cada mulher tem um pouco da deusa (BRUM, 2008, p.24).	<b>Expressão popular, aforismo, metáfora (comparação implícita)</b>
<i>Tem mais rugas no rosto do que a noite tem estrelas</i> . Risonha como ela só, <i>quando abre a boca, parece que vai se desprender um pedaço de mundo</i> . Não é que Jovelina seja feliz, apenas ri porque decidiu não ficar triste. Jovelina é assim. De uma <i>simplicidade complexa</i> . Quando acorda nem sempre sabe se vai comer antes de outro amanhecer. Pelo próprio parecer, é mais rica que a maioria (BRUM, 2008, p.24).	<b>Descrição comparativa, hipérbole, antítese, metáfora</b>
<i>Como o seu chão, Rossilda é uma mulher encharcada de encantamentos</i> (BRUM, 2008, p.28).	<b>Comparação, metáfora</b>
Enquanto ela traça uma cruz invisível na vagina da mulher, há um dente de jacaré balançando perigosamente entre <i>seus seios de madona profana</i> (BRUM, 2008, p.29).	<b>Metáfora aliada à descrição</b>
<i>Do interior da floresta, elas vão surgindo tímidas, silenciosas</i> . De pés no chão, sandálias de borracha. São pobres, as parteiras. Muitas nem dentes têm. Outras só comem farinha de tapioca. Ajudar a humanidade a vir ao mundo nunca lhes rendeu um tostão (BRUM, 2008, p.30).	<b>Inversão, elipse (de verbo)</b>
Quando <i>a fome aperta as tripas, o coração capitula, ameaça parar</i> (BRUM, 2008, p.30).	<b>Personificação, gradação</b>
<i>As mãos da vida se agarram, os pés do caminho se unem em círculo no útero da floresta</i> . As parteiras agradecem à divindade ao amanhecer. Como todas as criaturas do mundo, o dia surge em hora precisa sem que nada ou ninguém tenha de <i>arrancá-lo do ventre da noite</i> . <i>Dia e criança seguindo a mesma lei, contendo ambos igual semente</i> . <i>Partes complementares de um só universo</i> (BRUM, 2008, p.32).	<b>Personificação, hipérbole, metáfora, comparação elipse</b>
As parteiras erguem as velas pedindo iluminação no ofício. <i>Invocam a terra, o rio, a floresta</i> . É uma <i>conversa de comadres, uma prosa ao pé do ouvido</i> . A imagem fala a uma <i>sociedade surda</i> , esquecida do cordão umbilical com algo maior que o mundo forjado dentro do próprio mundo (BRUM, 2008, p.32).	<b>Enumeração, expressão popular, metáfora</b>

Cada uma das expressões acima, isoladamente, constitui um tropo ou um recurso de linguagem que confere estilo e efeito à escrita textual. No entanto, o que faz com que ganhem força e imprimam vida e fidedignidade à reportagem é a sua trama, a maneira como se entrelaçam à temática, às pessoas-que-viram-personagens, à descrição da floresta, ao momento do parto, ao sagrado ofício pelas parteiras desempenhado. A escrita poderia ser outra, mais direta ou

referencial, bem menos metafórica, mas a escolha pelas construções acima aciona outros campos semânticos, desperta a percepção do leitor para outras possibilidades de se ver e de se compreender o que se relata, descreve e narra.

Outra importante estratégia utilizada – que certamente não deveria ser pensada como mera técnica, mas como resultante de uma abordagem fundada na escuta atenta, no olhar curioso e poético diante de um texto, ainda que jornalístico – é a transcrição de falas das reportadas/entrevistadas, as parteiras, de modo a valorizar as variações linguísticas regionais e a destacar a poesia proveniente da “boca de gente comum”.

No quadro abaixo, apresentamos alguns exemplos desse trabalho poético com “as aspas” (falas das fontes) sem, no entanto, ter ciência se as expressões coletadas e transcritas sofreram ou não algum tratamento de linguagem por parte da repórter.

**Quadro 2** – Variações regionais/Falas poéticas das entrevistadas

“Pegar menino é ter paciência” (BRUM, 2008, p.20).	<b>Aforismo/ fala da entrevistada Karipuna Maria dos Santos Maciel, a Dorica</b>
“Parteira não tem escolha, é chamada nas <i>horas mortas da noite para povoar o mundo</i> ” (BRUM, 2008, p.20).	<b>Metáfora e hipérbole/ fala da entrevistada Dorica</b>
“Mulher e floresta são uma coisa só”, diz Alexandrina. “A mãe terra tem tudo, como tudo se encontra no corpo da mulher. <i>Força, coragem, vida e prazer</i> ” (BRUM, 2008, p.20).	<b>Aforismo, personificação, enumeração/ fala da entrevistada Alexandrina</b>
“Queria pedir a Deus o meu <i>aposentamento</i> de parteira” (BRUM, 2008, p.20).	<b>Neologismo/Fala da entrevistada Dorica</b>
“No meio desse <i>fundão de morte</i> ou a gente vai <i>enchendo o mundo de filhos</i> ou desaparece” (BRUM, 2008, pp.24-25).	<b>Metáfora hiperbólica/ Fala da entrevistada Jovelina,</b>
“Para Jovita, é ‘ <i>São Bertolamê</i> ’, um tantinho afrancesado e com muito mais brilho. ‘Às quatro horas da tarde, <i>Bertolamê</i> se levantou e seu bastão se <i>amantumou</i> . Em seu caminho caminhou. Encontrou Nossa Senhora, que perguntou onde vai <i>Bertolamê</i> . Vou à casa de Nossa Senhora. Vai, <i>Bertolamê</i> , que lá te darei um bom condão. Onde não morre mulher de parto nem <i>menina abafada</i> ’. Pronto. Basta recitar a oração e <i>o menino escorrega floresta abaixo, pousando</i> bem nas mãos da parteira (BRUM, 2008, p.25).	<b>Metáfora, variação linguística/ Fala de Jovita (introdução e desfecho do trecho da repórter)</b>
Vencidas as nove luas, os homens do Curiaú são despachados para não fazer <i>atrapalhação</i> . Sim,	<b>Metáfora, variação linguística regional, neologismo, aforismo/ Fala</b>

porque ‘homem, nessa hora só sabe fazer zoada. Parto é reunião feminina’ (BRUM, 2008, p.28).	<b>de Jovita (perpassada pela enunciação da repórter)</b>
“Tenho mão limpa e coração puro. Sou parteira, trago criança ao mundo”(BRUM, 2008, p.29).	<b>Fala metafórica rimada da entrevistada Rossilda</b>

A escolha do léxico, dos campos semânticos e ideológicos mobilizados em nossa escrita poderiam ser pensados a partir do conceito de intencionalidade de Husserl, esmiuçado por Ricoeur, quando o autor salienta que o referencial em que nos apoiamos, as comparações explícitas ou implícitas que selecionamos para dizer o que pretendemos, o texto (verbal, imagético, oral, escrito) que produzimos também revela algo sobre nós, locutores ou emissores, e sobre nossos discursos, ideologias e modos de perceber o mundo:

A própria referência é um fenômeno dialético; na medida em que o discurso de refere a uma situação, a uma experiência, à realidade, ao mundo, em síntese, à extralinguística, ele se refere também a seu próprio locutor por meio de procedimentos essencialmente de discurso e não de língua (RICOEUR, 2000, p.121).

Se a premissa for verdadeira, o que entrevemos pela construção textual arquitetada por Brum consiste em uma visão que escapa do lugar-comum, prima pela valorização da alteridade – nesse caso, das mulheres da floresta amazônica –, respeita saberes ainda deslegitimados de pessoas simples e comuns, pelo espanto e zelo frente à ancestralidade, sacralidade e cosmogonia das parteiras da floresta.

### **Algumas considerações**

Em *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*, a psicóloga e pesquisadora Ecléa Bosi, a partir de preceitos da Psicologia Social, ressalta aporias relativas ao envelhecimento em sociedade. Eliane Brum, em uma das reportagens de seu livro, realizada em uma casa de acolhimento para idosos, ao entrevistar diferentes pessoas que passaram a residir no abrigo sintetiza metafóricamente e estilisticamente a diminuição da relevância social de quem envelhece: “A vida inteira espremida numa mala de mão”. Bosi se ampara em relatos de velhos (como prefere nomear) para salientar a importância ainda mais premente da memória numa sociedade que relega quem ou que envelhece à marginalidade social. À luz dessa premissa, poderíamos questionar que outros agrupamentos e sujeitos sociais são igualmente relegados ao esquecimento por não figurarem enquanto significativos junto a instâncias legitimadoras (mídia, poder público e econômico) e de que maneira ainda podem ter suas memórias registradas enquanto suas

vozes *ainda* não são ouvidas. Em contrapartida, a constância de ações que implícita ou explicitamente pretendem o apagamento da memória de movimentos de resistência e de existência – de práticas culturais, políticas, sociais que ousaram se contrapor às ideologias dominantes e à cultura hegemônica – já é conhecida. O ataque à memória, localizado ou sistêmico, não acontece inadvertidamente, conforme explica a filósofa e professora Jeanne Marie Gagnebin ao discorrer sobre o holocausto e os testemunhos dos sobreviventes de Auschwitz. Sem registros, marcas, rastos de quem resistiu ou lutou apesar da violência e da opressão, não há história possível:

(...) aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste – aqueles que desapareceram tão por completo que ninguém lembra de seus nomes. Ou ainda: o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda” (Jeanne Marie GAGNEBIN, 2009, p.54).

Nesse sentido, algumas reportagens, literárias ou não literárias, parecem ainda cumprir um papel destacado de visibilização e valorização das pluralidades e da alteridade junto a meios de veiculação e difusão jornalísticos. Embora a solução não seja a mais desejável, uma vez que, ainda que empenhados, repórteres e jornalistas são apenas mediadores e não porta-vozes dos reportados, algumas resultantes cumprem importante papel. Possibilitar a escuta e trazer a público essas narrativas de modo bem cuidado e conduzido parece já atender à relevante aspecto da função jornalística. Mas há ainda o trazer à tona, em caráter testemunhal (a/o repórter como testemunha), o que está invisibilizado e alertar para os ciclos de exclusão e violência – física, simbólica – que se perpetuam:

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2009, p.57).

A reportagem poderia então ser considerada ferramenta na preservação de histórias e memórias geralmente ausentes em registros oficiais, institucionais ou mesmo em boa parte das veiculações midiáticas, ainda mais quando organizadas em publicações mais perenes, como os livros. A constância na produção de textos que se apoiam em longos relatos e se concentram em narrativas singulares e subjetivas pode corroborar a constituição de memórias coletivas de agrupamentos maiores, tendo como mote temas

mais abrangentes e políticos (de implicação na *pólis*); a escolha adequada de tropos, metáforas e demais recursos de linguagem, a escuta atenta, a seleção de citações dos reportados, o tratamento linguístico e literário e a transposição discursiva teriam, portanto, implicações não só na resultante textual final, mas também na representação de grupos que ainda não ouvidos diretamente. Enquanto isso não ocorre, que a mediação jornalística junto ao público seja cada vez mais apurada. A escrita de Eliane Brum poderia ser pensada também sob o viés da escuta que se desdobra em material que fomenta a escrita. Escuta aliada à presença junto às entrevistadas-parteiras, à imersão nos lugares em que elas circulam, a um olhar estrangeiro, mas respeitosa curioso, que busca compreender e traduzir aos demais o que é distante (ou tão aproximado que já não mais se percebe), do que é banalizado ou (re)conhecido.

### Referências bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, S. *O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. São Paulo: Edipro, 2011.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOSI, E. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.

BRUM, E. *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.

\_\_\_\_\_. *A vida que ninguém vê*. São Paulo: Arquipélago, 2006.

DANTAS, A. *Tempo de reportagem – histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Leya, 2012.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

MEDINA, C. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.

\_\_\_\_\_. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.